

CRENÇA & LETRAS

PUBLICAÇÃO MENSAL

DIRECTOR

P.º Antonio Hermano

DA
Direcção do Collegio Vimaranesense
DE

S. DAMASO

Redacção
o Administração:
Collegio
de S. Damaso
Guimarães

Anno 600 rs.

Os artigos
aqui insertos são
da responsabilidade
dos signatarios

Os originaes devem
estar na redacção
até o dia 20 de
cada mez.

Summario—O Pulpito Francez, *P.º F. J. Patricio*—Novo Mundo (poesia). *Mattos Ferreira*—Educação moral e religiosa na instrução publica, *A. C.*—A Eucharista, *Rodrigo Moreno*—Meditações, *P.º Antonio Hermano*—Acta Mensis.

ACTA MENSIS

Publicações

Grammatica Franceza pelo rev. Condição Cabral, muito distincto professor do Seminario dos Carvalhos, approvada pelo Conselho Superior de Instrução Publica.

Merece, sem duvida, ter larga acceitação este livro. A exposição é clara, pratica e methodica como raras vezes se encontra, e por isso mesmo torna-se um valioso auxilio, para o professor que a seguir.

Escriptos ineditos do P.º Antonio Vieira.—Em publicação alguns ineditos do grande orador. É inutil encarecer o valor da empresa. Tudo quanto seja pôr em circulação as joias litterarias do ex-nio mestre é prestar a lingua um serviço que se não paga.

Faz-se a distribuição em fasciculos a 100 reis. Assigna-se na *Rua do Cruzifixo, 31—Lisboa*.

O Anjo das donzellas, por *Almeida Braga*. «No Anjo da Mocidade o mavioso escriptor apresentou S. Luiz como proclaro modelo de virtudes, no *Anjo das Donzellas* offerece Santa Germana de Cousin. E que formoso modelo a innocente pastora de Pibra!»

O quadro d'essas virtudes traçado por mão de mestre merece ser lido por a donzella que aspire a ser boa esposa, boa filha e boa mãe».

Pedidos á *Livraria Central—Braga*.

A Reacção. n.º 6. Summario: *Bos, A. Lobo*; *Cancão Triste*. *C. Netto*; *Nocturno*, *A. Oliveira*; *Na Brecha*, *C. Penna*; *Prisioneiros*, *D. Toledo*; *Pedro, o ferreiro*, *C. Souza*.

Redacção, *Estrada da Beira—Coimbra*.

Indoctus.

C bem fallar

(CARTA)

Não basta saber conscienciosamente a grammatica e pronunciar com primorosa correcção: para bem fallar outro elemento se requer e esse de valor altissimo e—*a escolha das palavras*. Ora escolher as palavras consiste principalmente em:—

expurgar a linguagem de palavras indecorosas, termos baixos, immundos, proprios de quem por completo é falho de educação, de sentimentos e de pundonor. Esses usam-nos os que convivem com animaes, os que frequentam bodegas, toda a ralé mattala e fatante que a má fortuna fez orphãos de brão, de honra, de quanto estampa na fronte do homem o cunho da dignidade e a effigie de Deus. Taes termos em que se sente o furtum das cantinas não os pronunciarão jamais labios d'um collegial digno. Se a algum, porém, ouvirdes a torpe gíria evitae-o como um excomungado: essas palavras são o pus d'uma alma podre: contaminam.

Deveis tambem evitar os provincialismos, os vicios e accento local que uma concordancia de numerosos elementos em tenaz conjura tendem a imprimir. Assim farás esforço quotidiano na substituição do accento provinciano pelo classico, no esmagamento dos vicios que de vossas casas haverdes importado, como: a troca do *r* por *b* geral no norte, a confusão de tempos dos verbos, coisa muito commun em Fafe e Basto e a substituição do *l* por *r* defeito vulgarissimo aqui em Guimarães, etc., etc. Sei que a principio o esforço continuo vos ha de custar como vos custa quanto exige o dispendio de attenção, mas em compensação adquirireis um habito superlativamente util.

Não hesito em aconselhar-vos como meio para tal fim os correctivos mutuos, a troca mesmo aos que por negligentes deixam ir a lingua muito a seu sabor, e a desentranham ferozmente em parvoices de todos os feitios e põem á evidencia uma enorme brecha na educação d'aquelle espirito. Vejo ás vezes inutilisar o tempo em tão futeis ridicularias, em banalidades tão impertinentes, que me sinto com animo de fazer este apello ao vosso senso pratico, de vos

pedir como amigo, que em tudo olheis para o futuro e vos armeis para a vida que hoje mais que nunca é uma lucta.

(Continuarei).

Vosso companheiro,

O. L.

Pelo Collegio

Ouvi dizer que os alumnos farão uma excursão a pé, sahindo de manhã e voltando á noite. Por mim bato palmas á ideia e até em vez de uma eu me atreveria a pedir duas ou tres excursões. Parece-me que fazem bem á alma e ao corpo. Se a digna direcção do collegio quizesse experimentar...

—Fizeram exame de instrucção primaria os seguintes alumnos:

Abilio Martins Ferreira Torres (*Louzada*)
Adelfino Rebello Pinto Bastos (*Fafe*)
Albano Lopes Leite de Faria (*Felgueiras*)
Amadeu de Souza Magalhães (*Ribeira de Pena*)
Antonio Fortunato da Silva Bastos (*Guimarães*)
Antonio José de Faria Azevedo (*Fafe*)
Antonio Leal Moreira de Sá e Mello (*Porto*)
Antonio Teixeira de Faria Andrade (*Guimarães*)
Arthur José Gonçalves Capella (*Basto*)
Domingos da Costa (*Vizella*)
Eduardo d'Almeida Junior (*Guimarães*)
Eugenio de Campos Amaral (*Braga*)
Gonçalo Lopes Leite de Faria (*Louzada*)
José Figueirás de Souza (*Guimarães*)
Manoel Joaquim de Faria Azevedo (*Fafe*)
Manoel Moreira Breton (*Villa do Conde*)
Bento Coelho da Silva (*Paredes*)
Antonio José Henriques Coutinho (*Feira*)
Alvaro Ribeiro Sampaio (*Guimarães*)
Alfredo Mendes da Silva (*Guimarães*)
Adriano Dias d'Oliveira (*Lanhoso*)

Todos estes alumnos ficaram approvados.

Parabens.

() collegial M.

S. Sebastião

No dia 22 de abril realison-se na egreja do collegio a festa de S. Sebastião. Foi orador o rev. Hermano Amandio que já por vezes tem revelado uma apreciavel vocação para o pulpito.

Exame distincto

O alumno d'este collegio, Eugenio de Campos Amaral, creança de 10 annos, fez um exame tão distincto e tão brilhante, respondeu com tanta presteza, tanta precisão e tanta correção a todas as perguntas que lhe foram feitas que o numeroso auditorio entusiasmado quasi lhe fez uma ovação.

A festa de S. Luiz

Realisar-se-ha no dia 27 de maio. Apesar dos ainda minguados recursos da Associação creio que será uma festa brilhante. O caso é que sendo festa de estudantes tem muitos devotos que a auxiliam.

Será orador de manhã o exc.^{mo} snr. dr. Montenegro, professor do collegio, que já na festa de S. Damazo fez uma esperançosa estreia e de tarde subirá ao pulpito o muito distincto orador sagrado P.^o Cunha Gonçalves, de Felgueiras.

Boletim da A. de S. Luiz

Realizou-se no dia 17 a sessão de abril. Lida a acta da sessão anterior, foi concedida a palavra ao socio L. A. Araujo para mandar para a meza um protesto contra uma proposta approvada na sessão passada sobre o modo de fazer a eleição. Este documento era assignado por trinta e seis socios e vinha precedido d'alguns considerandos justificativos. Lido o protesto, pediu a palavra o socio rev. A. Hermano. Explicou que fôra seu intento retirar a proposta, em virtude de llo ter assim pedido o muito respeitavel presidente honorario rev. Oliveira. Mas disse que o protesto que uma minoria de socios apresentou, envolvia uma incorrecção disciplinar, um erro de praxe e um contrasenso: uma incorrecção disciplinar por attingir uma ordem dimanada da Direcção e como tal posta fóra da apreciação da Assembleia: um erro de praxe porque o modo admittido na Assembleia para a acceitação de rejeição das propostas não é o protesto; e um contrasenso, pois que

a proposta foi approvada por quantos subscreviam o protesto.

Pediú em seguida a palavra o socio Ferreira Leite, e falou sobre a conveniencia de pôr em execução a proposta combatida. Em seguida o m. d. Presidente nato tomou a palavra sobre a questão e pôz em evidencia a incongruencia do protesto. Falaram ainda por varias vezes para explicações o d. Presidente Carlos Borges, e os socios rev. Firmino Bravo, rev. A. Hermano, Araujo, Ferreira Leite, Peixoto Moreira e outros.

Por ultimo como o socio rev. A. Hermano visse que o principio de *camaradagem* escolar foi invocado pelos subscriptores do protesto, ponderou que a camaradagem não devia ser invocada como motivo determinante da assignatura do protesto; que a camaradagem assim entendida é um excesso vicioso, não uma virtude sympathica; que a camaradagem deve ir só até onde não offende e não embargue a liberdade e a dignidade individual para não produzir assentimentos inconscientes.

Em seguida foi levantada a sessão.

Socius.

Os estudantes nomadas

Ha ordinariamente nos estabelecimentos de instrucção, já livres, já officiaes, uma fracção fluctuante que vagueza de collegio para collegio, de lyceu para lyceu, constituindo porque assim o diga, a tribo nomada da instrucção. Esse grupo de alumnos, que não é por certo a *élite*, este sempre descontente e olha muito de revex para seus mestres e superiores, que afinal, por via de regra, não fazem senão estima-los demais e têm todo o interesse em lhes ser uteis. Almejam por tentar outros ares, outras fortunas, outras casas em que o alimento da instrucção e da educação lhes seja de mais facil digestão. Mas a graça é esta: os que não podem levar correcta e alegremente a vida n'uma casa d'educação, não a podem tambem levar em geral em qualquer outra, embora a phantasiem um Paraizo. A triste verdade é que as mais das vezes esses nomadas são vasos de intelligencia ou *cabalas* de profissão.

Na verdade os bons, os intelligentes, os applicados, os que valem, têm a estima e o applauso de quem por elles vela; com

elles não ha jámais recurso ao castigo, não encontram motivo para o descontentamento, vivem entregues ao cumprimento do dever, satisfeitos de si e de todos, não olham para os superiores com o esgazeamento do odio, mas com a suavidade amovavel do respeito e da estima. A esses, aos bons, nunca surgirá n'alma o enfado e o desejo de emigrar. Por isso os que emigram raro deixam pena; alivio sim.

Estrejam pois de sobreaviso os paes que ainda sabem sê-lo e lembrem-se de que é uma verdade adquirida está que lhes inculco:— *Estudante que passa os annos a peregrinar pelos estabelecimentos do ensino é inepto ou cabula; em qualquer dos casos, perdido para as lettras.*

Senex.

O tabaco

Eis o *hymno* que n'um excellente livro entôa ao tabaco o muito illustre D. João Maria, bispo de Angra:

«O vício do tabaco em pó ou em fumo é um facto tam irracional que, contado em paiz onde não fosse conhecido, seria inacreditavel. Habituar-se o homem ao uso d'uma coisa assaz repugnante, com grande incommodo, sem tirar d'ella vantagem alguma; que o torna por vezes inumundo e repugnante; que o subjeita em muitas occasiões a terriveis privações; e tão nociva que frequentes vezes lhe arruina a saude e causa a morte; fazendo além d'isso consideravel despeza para satisfazer tal vicio, que compra carissimo!... são na verdade factos inacreditaveis e assaz dolorosos porque provam o estado de decadencia e degradação do genero humano!»

Felicitação em dia d'annos

(A UM PROFESSOR)

Ex.^{mo} sr.

Nos tempos que vamos atravessando, tempos verdadeiramente calamitosos, alastra-se por ahi alem, bem negra e asquero-

sa a mancha que ennodoa o coração do homem— a ingratição. Anavalha-se a mão que se estende, salpica-se de lama o manto que agasalha, estilla-se fel no coração que se abre e desentranha em beneficios. Não se attende á intenção e fim com que se manda dar cumprimento ás obrigações que sobre cada um impendem Resistir a toda auctoridade, lançar ao olvido todo o dever menospresar todo o conselho, eis ao que se aspira, eis o que se faz. Misero estado este o da sociedade actual. Viver no seu ambiente é contaminar o coração dos vicios que mais envilecem, estragal-o no que elle tem de mais nobre.

Nós, alumnos do Collegio de S. Damaso, sentimo-nos ainda isemptos da lepra. Conhecemos quão reverentemente se deve beijar a mão que nos protege e beneficia, sabemos quanto se deve ao que gasta as suas forças no intuito de fazer de nós homens e homens prestantes, que valham para alguma cousa, que se compentrem dos deveres e os cumpram dignamente, integralmente.

Senhor: O leite da educação e da instrução vale tanto se não mais que o leite recebido no berço. Um faz o corpo, o outro forma o espirito. Aqui, ao calor da amizade dos nossos preceptores, á luz do seu exemplo, ao hafejo dos seus conselhos, forma-se e informa-se, alenta-se e vigora-se. instrue-se e educa-se o nosso espirito e o nosso coração. De vós teem joriado para nós abundantemente, superabundantemente luzes que nos alumiam centelhas que nos acalentam. Tendes trabalhado muito, tendes-vos esforçado muitissimo, pelo nosso bem, pelo nosso desenvolvimento, olhando com cuidado pelo nosso futuro. Deviamos calar-nos n'este dia em que se celebra o vosso anniversario natalicio? Não, que em nossos corações não se alberga a ingratição. Desejamos por este meio dar um testemunho bem claro e solemne do quanto vos estimamos, de quanto vos somos reconhecidos e gratos.

Dignae-vos pois Ex.^{mo} Sr., receber dos alumnos d'este collegio sinceras felicitações e cordeas parabens pelo vosso anniversario natalicio.

Os collegiæos.

O PULPITO FRANCEZ

A gloriosa fileira dos oradores francezes continúa sustentando o seu posto d'honra em defeza da doutrinação catholica.

Apesar da diversa orientação scientifica dada em nossos dias pela philosophia positivista aos que se dedicam aos trabalhos litterarios; apesar mesmo da corrente perniciosa de tantas doutrinas subversivas com que se tem modernamente affrontado as verdades religiosas, a despeito da má vontade com que são recebidos todos os elementos do culto e desprezados os ensinamentos edificantes da Egreja: os oradores mais notaveis do pulpito francez sustentam denodadamente a vindicação dos elementos da fé e conquista attrahir aos templos uma enorme affluencia de fieis, que escutam com altissimo interesse a exposiçáo eloquente do que mais importa á conservação de suas arraigadas crenças.

Paris, aquella Babel onde tantos successos se desencadeiam e tantos assumptos palpitantes occupam a attenção do publico, não passa indifferente o tempo da quaresma, e os seus oradores mais distinctos são apreciados com toda a dignidade, escutados com avidéz e commentados com elevado elogio.

O glorioso pulpito de Notre Dame, que foi sempre circumdado pelos mais selectos e qualificados auditorios, alli onde se elevaram notavelmente apreciados, o Padre Feliz, Lacordaire, Bridaine, Loyson, e nos ultimos annos Monsabré e Didon, alli está modernamente sustentando todo o brilho dos ensinamentos catholicos Monsenhor Hulst, cathedratico e parlamentar, bem conhecido no mundo religioso.

A noticia dos seus triumphos d'este anno tem corrido como um repetido elogio dos seus notaveis talentos e as suas conferencias agora publicadas são a confirmação do justo applauso que mereceram na grande capital da França.

Monsenhor Hulst occupou-se este anno d'um assumpto

que tem sempre um notavel interesse religioso alliado á mais viva sympathia; as demonstrações theologicas são enquadradas em adoraveis exposições do que ha de sublime na corrente dos affectos; os combates com a impiedade e a descrença são meigamente dirigidos pela analyse do que mais presamos e sentimos de enlevado no mundo de puras affeições e calorosos enthusiasmos: n'uma palavra, o assumpto das conferencias d'este anno foi a familia.

A moral da familia tal foi o objecto escolhido por esse notavel prégador catholico, verdadeira gloria do pulpito francez.

No vastissimo plano d'essas notaveis conferencias, o reverendo Hulst encarou a familia na sua origem, nas relações com o mundo social, e tomou por ponto de partida a exposição do dogma da Trindade Santissima para d'ahi divagar com toda a firmeza dos ensinios catholicos pela amplissima arêna de combate contra a dissolução que n'este seculo campeia affrontando a ordem, a paz, o bem e o amor que devem fecundar esta instituição, a familia, que merece todas as venerações e reclama todas as solitudes.

As seis conferencias tiveram os titulos seguintes, que citamos para que se julgue da orientação que o illustre prégador francez deu ao assumpto—1.^a A familia christã, 2.^a Deveres dos esposos a respeito do laço conjugal, 3.^a Deveres dos esposos a respeito dos fins do matrimonio, 4.^a Deveres dos paes, 5.^a Deveres dos filhos, 6.^a Deveres dos senhores e dos servos.

Os traços geraes d'este apropriadissimo objecto, que foi desenvolvido á luz clarissima do ensino religioso, tornaram altamente interessante o trabalho quaresmal do sabio orador, que fez um notavel serviço á Igreja e á sociedade com a exposição d'esta edificante doutrina, pois tudo quanto fôr desviar impurezas do seio da familia christã, é impedir que o veneno dos mais perniciosos vicios entre nas veias do corpo social.

NOVO MUNDO

Em uma côrte, emfim, achou favor.
O mar lá vão cortando as caravellas!
Do occidente no rumo, sem pavôr,
perigos mil contrastam, e procellas!...

Já cansada, por fim, da rota estensa,
de trabalhos, penuria, e sem confiança,
impõe-lhe a sua gente, sem detença,
a volta á patria! E as mãos ás armas lança!

Implora um curto espaço o genovez.
Corre o praso. E a revolta d'esta vez,
explue em odio rispido e profundo!

E então, como se a houvera sob o manto,
Colombo aponta, entre o geral espanto,
a terra americana — um Novo Mundo!...

Mattos Ferreira,

Prior em Cintra.

EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA NA INSTRUÇÃO PÚBLICA

A PROPOSITO DO CASO URBINO

II

(Continuado do n.º 3)

Não, não é o sabre do policia que nos ha-de livrar de taes attentados; nem os actos de força, de repressão, nem «a brandura dos nossos costumes» nos podem proteger do criminoso traioeiro e habil.

Quem nos salvaguardará então? Só a crença religiosa, repetimos, a educação moral da sociedade.

E o que tem feito os possuidores da sciencia, e aquelles que são os directores e guias dos povos a favor da reforma moral do mundo moderno? Se mettendo a mão na consciencia interrogarem a sua obra devem recuar d'espanto, e se não trepidarem á vista das suas obras, é porque estão ainda mais perversos do que se julga.

Ha dias um conhecido orador francez, apreciando o mal estar social hodierno, attribuia-o em grande parte á familia e á eschola.

Pois que sendo a familia a base das sociedades humanas, e a nação uma numerosa familia ou uma federação de familias, como poderão esses grupos facticios conservar a sua consistencia e cohesão, quando as unidades naturaes que as formam perderam a sua?

Os paes deixaram de tal modo afrouxar em sua casa o nervo da disciplina, que até se observam n'elles vivas inquietações e timidez deante da irreverencia dos filhos. Ainda ha dias um dos mais illustrados e d'uma brilhante posição, nos dizia bastante preocupado, respondendo a uma reflexão nossa, que desejava que seu filho (creança de 10 annos) acabasse em breve os preparatorios, porque desejava que fosse «quanto antes tomar o bridão da Universidade...», porque hoje os rapazes apenas deixam d'usar calção tornam-se insubmissos, insolentes até, já querem andar de noute e recolher tarde,

(como elle) emfim uns estroinas... veja os filhos de F., olhe os do visconde F...; porisso eu quero que o meu rapaz me *acabe o lyceu* o mais depressa possível, e deixe-o lá *passar* porque depois estudará mais...»

Eis até que ponto a falta de prestigio nos paes tem creado a irreverencia dos filhos, produzindo a má educação, a baixa dos estudos e dos exames preparatorios.

As mães, a quem mais directamente incumbe a educação das filhas, já não sabem recitar outra oração da noute, a não ser esta: «Dignai-vos, meu Deus e Senhor, tornar as minhas filhas galantes, *chics*, d'uma elegancia distincta para que possam fazer um bom casamento. Amen.» E dominadas por este falso ponto de vista não se poupam a despezas para lhes ensinar todas as artes de agrado, gastando grossas quantias com o professor de dança e musica, sem gastarem 10 reis n'um cathecismo; não as levam ao sermão, nem a um curso didatico, mas folgariam de as matricular nas conferencias que M. Psychari está fazendo em Paris, sobre o *beijo*.

Filhos e filhas são geralmente entregues a uma governante ou mestra, que é incumbida do trabalho da educação e instrucção, do qual se desempenha geralmente muito mal. Sob este regimen mercenario apprendem os bebês a ler, a escripta e pouco mais.

Faltou-lhes, porém, a vigilancia paterna a ternura maternal, essas lições d'uma intensidade progressiva, que só a mãe pode e sabe dar, e que são as mais proprias a formar essas tenras almas, para d'ellas se poderem fazer entes doces, maleaveis, obedientes ao menor aceno e olhar, para não praticarem o menor acto senão depois da auctorisação expressa dos paes. Ora é o que não acontece; os filhos não só já não podem licença aos paes para os seus actos, mas até reagem contra a sua vontade expressa. Isso porém é natural, elles são companheiros do pae no theatro, no baile, tratam-o por *tu*, e até não se acanham de accender o seu cigarinho no charuto do papá, etc. etc.

A mãe, essa esforça-se por parecer a irmã mais velha das suas filhas, tomando parte nos mesmos prazeres e galan-

terias, affectando o mesmo coquettismo, etc.; mas perdendo necessariamente n'este contacto e n'esta continua promiscuidade, nos bailes, nos passeios (até na roleta) em todos os passatempos, essa aureola prestigiosa, essa veneração e gravidade, que era o apanagio dos antigos tempos em que os filhos «só adoravam Deus no céo e os paes na terra»; d'esses tempos em que o pae era o representante do direito divino na familia, como o soberano em seu throno. Lia-se a Biblia, os livros moraes, educativos e piedosos; enquanto que hoje o que apenas poderão lêr é alguma pagina do *Assomoir*, de *Nana* ou cousas similares.

Conhecemos um cavalheiro, professor publico, cuja esposa, leu por ordem d'elle (!) toda a obra de Zola, e sabemos de muitas meninas, cujos paes não se recusam a conseguirlhes os romances de que ellas mais gostam, embora sejam os mais perigosos!

Tal é a familia d'este *fim de seculo*.

«Esta expressão sem sentido, que saiu, como diz o notavel chronista *Caliban*, não sabemos de que *bas fond* da litteratura, que os dictionarios não trazem, mas que toda a gente emprega, designa tudo o que é extravagante, ridiculo: significa a corrupção dos costumes, o desabar social etc.

Porisso familia *fim de seculo* é o *fim* da familia bem organizada, da tradição nacional, o fim da hora hereditaria; é o paiz decadente e arruinado.

O que entre nós caracteriza bem o *fim de seculo* é a tendencia a depreciar tudo o que foi respeitavel e respeitado anteriormente, e, pelo contrario, em tratar com deferencia e consideração o que tem sido reputado desprezivel e indigno.

Assim, é cousa vulgar, corrente, preferirem os paes, na sua prole, o *chic* á virtude, e cotarem melhor o «dinheirame» do que a honestidade e a honra.

A sêde insaciavel do goso, a crença só no ouro, matou toda a especie de sentimentos delicados, toda a fidalguia da probidade nacional. A familia dá apenas ao estado filhos «sem alma nem corpo são». E Portugal empobrecido, arruinado, em descredito perante as nações, e que tinha necessidade

para resurgir d'uma geração forte, austera, dedicada, encontra-se com uns effeminados, egoistas, frivolos e vaidosos, cujas mãos enervadas e indolentes podem apenas segurar o *respeitavel* charuto e a badine phantasiosa.

E' claro que uma tal mocidade, assim educada no seio da familia *fim de seculo*, está longe de seguir na estrada dos nossos avós, nas largas vias do patriotismo; não se inspira nos sentimentos nobres e elevados que só, elles, são capazes de crear os Leonidas, de produzir os Nun'Alvares, bem como os filhos heroicos de D. João I, *inclita geração e altos infantes*.

Uma tal mocidade pode, quando muito, dar o seu contingente para deputados, e para algum ministro. Mas calcule-se que «salvadores, que paes da patria», serão estes emancipados do *patria potestas*, que nunca apprenderam o amor do dever, a abnegação, a obediencia inteira nem a Deus nem aos paes!

Eis o grande assumpto que devia chamar as atenções da nossa imprensa e dos nossos governos, de preferencia ás chinesices da politica immoral dos partidos...

Pouco nos importa que as pastas estejam nas mãos de Pedro ou de Paulo, pois que isso tem sido exactissimamente a mesma cousa; pouco nos importa «o rotulo da garrrafa, com tanto que o conteúdo seja bom». O que interessa o paiz é que o governo trabalhe em levantar os costumes publicos, em fazer da actual geração homens—homens dignos, christianizando a familia e o ensino em todas as classes e operando um movimento de recuo, tomando em sentido contrario do caminho por onde ha muitos annos temos seguido. Tem se mudado tudo, tudo; e só a sciencia de—governar mal—persiste sempre, sempre com uma pertinacia inquietante!

A. C

A EUCHARISTIA

(SERMÃO)

Deliciae meae esse cum filiis hominum.

Meus Senhores :

Assim como não posso conceber uma religião sem um ritual, sem sacerdocio e sem pompas cultuaes, tambem não a concebo sem mysterios, sem milagres, sem um certo fundo estranhamente luminoso que seja como que o adito sacratisimo e velado onde a luz da nossa razão mal possa penetrar.

Mais facil seria as estrellas deixarem de luzir na vastidão dos espaços firmamentarios, mais facil seria ao mar deixar de sacudir na vasta cintura de granito a formosa juva d'espuma, do que a religião deixar de ter um brilhante nucleo de mysterios que a um tempo nos offusque e nos attraiã. Se a religião é obra de Deus, se é o aureo vinculo que a Elle nos prende, necessariamente ha de conter em si vestigios da magestade e sabedoria infinita, que nos arranquem do coração esta exclamação convicta:— Isto não pode ser obra de homens!—

Por isso, meus senhores, se a nossa divina religião não contivesse mysterios que me assombram e milagres que me constatam a sua origem celica, eu seria talvez um descrente e diria:— Jesus foi um philosopho mais prestigioso do que Platão, foi um moralista mais humanitario do que Socrates, foi uma alma homisima feita de luz, mas não foi um Deus.

Seja pois essa constellação fulgidissima de verdades sublimes que não comprehendemos, não um fermento de descrença que nos envolva na treva densa da irreligião, mas um incentivo de fé que nos eleve ás regiões serenas do Infinito.

Ha muitos impios que tentam fazer dos nossos myste-

rios uma alavanca com que deitam por terra o edificio ideal do christianismo, crendo ver contradicções e absurdos onde apenas ha verdades que transcendem a nossa potencia intellectual.

Todavia, meus senhores, esses mesmos que assim se revelam contra os dogmas da fé são a final os crentes mais cegos e fervorosos dos insondaveis mysterios do mundo cosmico.

A sciencia experimental tem avançado prodigiosamente e dispõe de recursos poderosos, graças aos quaes é facil tarefa calcular mathematicamente as immensas distancias inter-planetarias, medir com rigorosa precisão o peso, o volume a velocidade e orbitas de tantissimos astros que povoam os paramos infindos do espaço azul, ou descer ao mundo invisivel do indefinidamente pequeno e ir surprehender a genese da vida na analyse do amibo e no estudo do protoplasma. Mas interrogae os sabios acerca da origem promordial d'essa surprehendente mecanica celeste, que vos expliquem a essencia — do som e da luz, do movimento e da electricidade, e elles responder-vos hão invariavelmente — não sabemos —. Pedi-lhes que fabriquem e animem a mais simples relva que viceja em nossos campos e elles responderão desconsolados — não podemos —.

E' certo pois, m. Senhores, que até para os mais sabios a natureza é um estendal de enigmas e um dedalo de mysterios.

Não venham então dizer-nos em nome da sciencia e do orgulho ferido:—repudiamos o catholicismo porque os mysterios que elle contem são um insulto ao pensamento moderno.

Não são descabidas as rapidas considerações feitas sobre a credibilidade dos mysterios, visto que eu venho aqui falar do facto mais esplendido do christianismo que é ao mesmo tempo um profundo mysterio e um grande milagre— a Eucharistia —.

Não receeis porem, m. Senhores, que eu me prepo-

na architectar uma substanciosa demonstração philosophica ou uma larga dissertação theologica. Tal intento não caberia em minhas forças nem em vossa paciencia. Lembrar-vos-ei apenas, que a eucharestia é um prodigio d'amor divino e que tal amor exige de nós eterna gratidão.

Senhores:

Se eu quizesse demonstrar theologicamente a presença real de Jesus na Eucharistia poderia desenvolver deante de vós uma farta galeria de provas.

Dir-vos-ia que a Biblia em muitas das suas paginas sublimes, desde o Genesis, onde Moysés desvenda o enigma do Universo, até ao Apocalipse onde a acutissima aguia de Palthmos projecta os lampejos da sua alma de vidente por sobre as caligens do futuro, constata firmissimamente o dogma eucharistico.

Dir-vos ia que os Santos Padres, Pontifices e Concilios, que a Egreja sempre, particular ou collectivamente instrumentou deante do tabernaculo do Senhor o hymnario inspirado de sua fé, lavrou testemunhos eloquentissimos de sua crença fielmente mantida, e que os fieis de todos os tempos se vergaram em reverente adoração perante a hostia consagrada.

Dir-vos-hia ainda que em todas as christandades, e culto mais brilhante, as pompas mais solemnes e as festas mais luzidas e magnificas são as que a piedade dos fieis consagra ao SS. Sacramento.

Dir-vos-hia tambem que se os primeiros christãos tinham uma fé ardentissima e se milhões de martyres firmam a aurora do christianismo, é porque frequentavam diariamente a mesa eucharistica que lhes dava a rijura do diamante e a força dos heroes.

Mas não, não o farei porque n'este recinto sagrado, não ha deserentes. Nenhum de vós duvida de que alli, n'aquelle throno mystico, n'aquella hostia sacratissima, reside, por um assombroso prodigio d'amor, a Magestade Infinita d'um Deus.

Que grande sentimento é o amor! é grande, heroico e sublime como os impulsos indomaveis das paixões! é grande generoso e commovente como a abnegação dos martyres!

O amor é a refulgente armilla que emoldura em seus fulvos reflexos os quadros mais emocinantes da vida humana; é o pollen translucido d'onde germina fecundo o vergel divino das virtudes; é o polo magnetico d'essa bussola chamada coração, que nos oscilla fermente no peito.

O homem desde o berço ao tumulto é uma nota d'amor que ora vibra intensa ao sol quente da fortuna, ora geme dolente e fenece no vacuo da dor.

Que faz a creança, o fresco lirio da innocencia, quando fita os seus limpidos olhos d'anjo no olhar meigo da mãe carinhosa?—Ama.

Que faz o velho que ao sentir o gume frio da morte a varar-lhe o peito, murmura ainda por entre os labios tremulos o nome d'um filho querido?—Ama.

Que faz o operario labutando na faina ingrata de amannhar o pão da familia desde o romper d'alva até ao fechar da noite?—Ama.

Que faz o artista tentando fazer emmergir d'um bloco de marmore ou d'um pedaço de tela o formoso ideal que concebeu?—Ama a belleza.

Que faz o philosopho ao mergulhar a sonda do pensamento no vasto mar da metaphisica para solver a incognita dos mil enigmas da vida?—Ama a verdade.

E o religioso amortalhado em vida, na solidão do cenobio, extatico na contemplação beatifica do Infinito?—Ama a Deus.

E o soldado no campo da batalha entre o sibillar das balas e o troar sinistro dos canhões?—Ama a patria.

O amor é sem duvida a enredica florida que espirala ao longo da vida desde o primeiro vagido da infancia até ao ultimo estertor da agonía.

Não admira pois que Jesus conhecendo os corações — *scrutans corda*—fundasse uma religião toda d'amor como o sol é todo de luz, e inscrevesse no frontão diamantino do seu

templo esta maravilhosa legenda divina: — amae a Deus sobre todas as cousas e ao proximo como a vós mesmos—, e que crystallisasse este excelso preceito na mais grandiosa epopéa do amor—o Sacramento da Eucharistia.

Meus senhores: A minha pobre intelligencia ao contemplar a magnitude d'esse prodigio e d'esse amor sente se desfallecer fulminada pela vertigem do Infinito, e desespera de encontrar expressões adequadas e dignas d'esse astro sublime que fulgura no vertice da Egreja.

Pois não é incomprehensivel, não é um rasgo d'infinita generosidade, que um Deus potentissimo a cuja voz surgiram do nada as moles estellares, se reduza e humilhe a ponto de tomar nos nossos altares as proporções minimas d'uma hostia?!

Pois não é espantoso e inninarravel que um Deus immenso que tudo governa e dirige se humilhasse por amor dos homens, depois de por elles ter sido cravado nas travas da Cruz, a ponto de querer viver encerrado n'um pequeno Sacrario?!

Além d'isso Jesus — a victima innocente da nossa perversidade — sabia quanto fel e quanta ingratição cabe no coração humano. Sabia que muitas vezes o haviam d'esquecer e abandonar no ermo do Sanctuario sem que ao menos o grato murmurio d'uma prece viesse quebrar o triste silencio; sabia que muitos dos seus levitas o trahiriam cobardemente apesar de lhes pender dos hombros a stringe do sacrificio e a estola branca da innocencia; sabia que muitos dos que se ajoelhariam á meza eucharistica o haviam de vender como vilissimos Judas, por um momento de prazer.

Jesus previa escandalos patibulares, profanações inauditas; — sacraríos saqueados, particulas esparsas nas lageas do templo e vasos sagrados transformados em taças espuinosas d'infames orgias. Previa tambem Jesus que sobre este Sacramento incidiriam as gargalhadas nescias e as vaías impudentes da impiedade. Todavia Jesus antes quiz que a ingratição dos homens o amortalhasse n'esse sudario asperrimo de

irreverencias e de sacrilegios, de profanações e d'insultos do que privar-nos d'aquelle testemunho ineffavel de seu infinito amor. Apesar da enormissima ingratição dos homens disse: —*deliciae meae esse cum filiis hominum*— a minha ventura é estar com os homens. Ficarei com elles como manancial d'aguas crystalinas onde possam vir dessedentar-se os que estiverem sequiosos de vida eterna, ficarei como farol luminoso no porto seguro da religião anortean lo os pavidos mareantes que a elle queiram abicar, ficarei como boia salvadora fluctuando á flor de todas as tormentas e acolheudo com amor os infelizes naufragos; serei o anjo meigo do perdão para os penitentes e a voz seductora da esperanza para os desamparados, e o echo vivo da fé para os descrentes, e para todos o impulso mais generoso da caridade e o pão substancioso da graça e irei á cabeccira dos agonisantes levar-lhes allivio e conforto e depôr-lhes nas frentes frias o ultimo osculo da minha benção.

M. senhores: a presença de Jesus sacramentado no tabernaculo eucharistico vale o mais sublime apostolado. E' eloquente na sua nudez e magestoso na sua humildade. Parece que do altar se evola para o coração dos crentes esta voz celeste a dar-nos rebate do do nosso destino:— Levanta os olhos para Deus; não percas de vista essa estrella polar do Universo. Vê! O mundo todo desde a violeta ao astro é uma instrumentação melodica é um cantico genial de glorificação ao Creador: não sejas tu, uma corda partida n'essa harpa immensa, não sejas uma nota destoante na harmonia d'esse hymno. Saúda tambem o teu Deus que por ti carinhosamente vela na estreiteza d'este sacrario. —

Os evangelisadores do progresso coroados de grinaldas de mil esperanças bellas como as miragens longinquas, não cessam d'inscrever no seu balsão tecido de sonhos estas palavras prestigiosas:— Igualdade, liberdade, fraternidade!

Pois bem; se essa trilogia de luz condensa as aspirações mais altivolas da grande alma da humanidade, então os verdadeiros pretorianos da civilisação são os catholicos; o ver-

dadeiro balsão do progresso é a cruz e o ideal supremo do espirito humano é a hostia eucharistica!

Da liberdade é a hostia o symbolo augusto porque ella synthetisa a redempção e a redempção é a gigantesca rasoura que nivelou o mundo, pulverisando as gargalheiras de todas as escravidões!

Da fraternidade é a hostia o formoso vinculo, porque sendo ella o maior prodigio da caridade é o germen fecundo da união social e a pyra abrasada onde se incinera o baixo egoismo!

Da egualdade é ella a realisação mais perfeita e a apologia mais eloquente. Vede! o banquete eucharistico está patente a todos; alli ajoelha o mendigo ao lado do opulento, o analphabeto ao lado do sabio. Esta sim, é a verdadeira democracia! este sim é o verdadeiro templo da egualdade!

Ah! se o mundo escutasse como devia os ensinamentos da sanissima philosophia de Jesus, não veria pairar no horisonte como agoiro fatidico, a nuvem retincta da questão social. Nem o operario pediria ao clarão rubro da anarchia justiça contra as violencias do capital, nem o capital, como vampiro insaciavel, sugaria a vida do operario. A caridade poria em equilibrio o fiel da balança.

M. senhores :

Se o SS. Sacramento é a quint'essencia do amor d'um Deus, se d'Elle se derramam caudaes de graças como da pupilla ignea do sol jorram torrentes de luz, se o SS. Sacramento flammeja no vertice do Sanctuario como um diamante de desmesurada grandeza e farolisar-nos o perigoso roteiro da vida; se o SS. Sacramento é o pendão sagrado que crystallisa o supremo ideal da humanidade; se o SS. Sacramento apostolisa com eloquencia demostenica todas as sublimes virtudes que nobilitam e vivificam o espirito; então, M. Senhores, adoremos com fervente enthusiasmo esse divino Sacramento e corramos pressurosos á meza eucharistica para que esse caudal torrentuoso nos inunde de graças, para que os

reverberos d'aquelle farol nos batam em cheio na frente e para que os ensinamentos d'aquelle apostolado se nos arraiguem fundo n'alma.

Senhores! prostrae-vos deante de Jesus Sacramentado, e como acto de desagravó pelos crueis insultos com que muitos correspondem a sua infinita misericórdia, protestae-lhe a vossa fé viva e o vosso amor ardentissimo, e pautae a vida pelos mandamentos da lei de Deus para o mundo ver que a melhor salvaguarda da sociedade é a religião.

1830.

Rodrigo Moreno.

MEDITAÇÕES

«Nusquam tuta fides».

Vergilio o cysne do Lacio, expende algures este conceito prenhe de verdade: *«Nusquam tuta fides.»* E' de profundo e dorido pessimismo a formula; mas, por Deus! ha por essa sociedade além tantas e taes jacturas da lealdade, da fidelidade, da devoção mutua, da amizade, de camaradagem, que eu chego a dar razão aos labios ungidos do poeta santo, que tal ousarem proferir. E se vivesse hoje o poeta, que não em tempos de relativa validez moral, a maldição que dos labios lhe silvou como setta, partiria mais rapida, mais esfuziante de ironia, mais aspera de dores, porque o arco violentemente tendido pelo braço nervudo do vicio multiplicaria incaleulavelmente a força inicial da projecção.

As sociedades secretas.

As sociedades secretas alastram-se pelo paiz com uma impudencia villã. Abomino toda a sociedade que se furta á luz e se recolhe á crypta escusa onde não penetra vista de profanos.

E' dever dos governos sarjar fundo todos esses tumores sociaes, varrer as alfurjas e chamar á plena luz publica os sombrios noitibós. Toda a agremiação secreta é um crime de lesa sociedade, é um perigo permanente: pode ser um abysmo da immoralidade ou uma acendedalha da revolução: quem se embiúca na sombra é porque não pôde trabalhar ao sol claro da legalidade.

Portanto em nome do direito publico, da moralidade, da religião e da segurança de todos, cumpre que se arrazem essas cidadellas de sombra seja qual fôr a bandeira que desfaldem e atraz da qual se acoitem.

Nada pode nem deve escapar á fiscalisação dos mantenedores da ordem e das garantias sociaes.

A abdicção da personalidade.

Conheço homens de tão tenue iniciativa, tão abordoados á opinião alheia, tão rotineiramente seguidores do trilho aberto pelo que lhe vão na dianteira que aos labios me afflue esta interrogação amassada em ironia e compaixão: — Onde está o sentimento da personalidade n'estas pobres creaturas? onde se descobre n'estes manequins que tão servilmente se apequenam e acurvam ao jugo de mil tyrannias, o almo e terso sentimento da dignidade individual? quem lhes amolgou nas almas mendicantes o instineto nobre da independencia e da santa liberdade? quem lhes offuscou no cerebro a luz fulgurante da razão?

Repugna-me religiosamente qualquer abdicção da personalidade, qualquer enfeudação ignobil á tyrannia da opinião, á tyrannia da tradição, á tyrannia do preconceito, á tyrannia de tudo quanto é uma tampa de chumbo a pesar sobre a nossa alma fremente, irrequieta, progressiva. Deus dotou-nos com os nossos preciosos *talentos d'ouro* não para os sepultarmos como o mau *servo* sob o alqueire da abdicção inconsciente, mas para os trabalharmos e haurirmos os juroz sagrados de seus muitos beneficios.

Sejamos homens.

P.^e Antonio Hermano.